

**MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NOS CERRADOS PIAUIENSES: novas dinâmicas
socioespaciais e transformações urbanas em Bom Jesus e Uruçuí-PI**

Tiago Fernandes **RUFO**

Doutorando em Geografia- Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade de
Brasília-UnB,
tiago.rufo@hotmail.com

Fernando Luiz Araújo **SOBRINHO**

Prof. Dr. do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília – UnB,
flasobrinho@gmail.com

RESUMO: O objetivo principal do artigo é analisar as transformações urbanas no Sudoeste Piauiense, em especial nas cidades de Bom Jesus e Uruçuí, diante da inserção dos cerrados piauienses como nova fronteira agrícola do país. A pesquisa dará foco nas transformações urbanas das duas cidades do agronegócio dessa região: Bom Jesus e Uruçuí, localizadas respectivamente nas Microrregiões Alto Médio Gurguéia e Alto Parnaíba Piauiense. Além de pesquisa documental, da busca de dados estatísticos do IBGE e das atividades de pesquisa em campo, adotou-se como recurso metodológico a matriz proposta por Elias (2011, 2012, 2015 e 2017), na qual foi definido um eixo estruturante para análise, o da economia urbana. Bom Jesus e Uruçuí ganham grande destaque na questão das transformações urbanas, sobretudo no surgimento de comércios e serviços diferenciados, consequência direta da emergência do agronegócio na região dos cerrados piauienses.

Palavras-chave: Modernização Agrícola. Cerrados Piauienses. Cidades do Agronegócio. Regiões Produtivas Agrícolas.

**AGRICULTURAL MODERNIZATION IN THE PIAUIAN CLOSURES: new socio-
patian dynamics and urban transformations in Bom Jesus and Uruçuí-PI**

ABSTRACT: The main objective of the article is to analyze the urban transformations in Southwest Piauiense, especially in the cities of Bom Jesus and Uruçuí, before the insertion of the Piauí Cerrados as the new agricultural frontier of the country. The research will focus on the urban transformations of the two agribusiness cities of this region: Bom Jesus and Uruçuí, located respectively in the Microregions of Alto Médio Gurguéia and Alto Parnaíba Piauiense. In addition to documentary research, the search for IBGE statistical data and field research activities, the matrix proposed by Elias (2011, 2012, 2015 and 2017) was adopted as a methodological resource, in which a structuring axis was defined for analysis, that of the urban economy. Bom Jesus and Uruçuí gain a great prominence in the question of urban

transformations, especially in the emergence of differentiated trades and services, a direct consequence of the emergence of agribusiness in the region of Piauí.

Key-words: Agricultural Modernization. Cerrados Piauienses. Cities of Agribusiness. Agricultural Productive Regions.

MODERNIZACIÓN AGRÍCOLA EN LOS CERRADOS PIAUIENSES: nuevas dinámicas socioespaciales y transformaciones urbanas en Bom Jesus y Uruçuí-PI

RESUMEN: El objetivo principal del artículo es analizar las transformaciones urbanas en el Sudoeste Piauiense, en especial en las ciudades de Bom Jesús y Uruçuí, ante la inserción de los cerrados piauienses como nueva frontera agrícola del país. La investigación dará foco en las transformaciones urbanas de las dos ciudades del agronegocio de esa región: Bom Jesus y Uruçuí, ubicadas respectivamente en las Microrregiones Alto Medio Gurguéia y Alto Parnaíba Piauiense. Además de la investigación documental, de la búsqueda de datos estadísticos del IBGE y de las actividades de investigación en campo, se adoptó como recurso metodológico la matriz propuesta por Elias (2011, 2012, 2015 y 2017), en la que se definió un eje estructurante para análisis, el de la economía urbana. Bom Jesús y Uruçuí ganan gran destaque en la cuestión de las transformaciones urbanas, sobre todo en el surgimiento de comercios y servicios diferenciados, consecuencia directa de la emergencia del agronegocio en la región de los cerrados piauienses.

Palabras clave: Modernización Agrícola. Cerrados Piauienses. Ciudades del Agronegocio. Regiones Productivas Agrícolas.

INTRODUÇÃO

A expansão do agronegócio vem provocando expressivas transformações socioespaciais em grande parte das áreas dos cerrados brasileiros, porção do território conhecida como Brasil Central, sendo constituída pelos estados da região Centro-Oeste, parte de Minas Gerais, leste do Tocantins, oeste da Bahia, sudoeste do Piauí e sul do Maranhão. As transformações socioespaciais, o surgimento de novos contextos urbanos e regionais podem ser verificados, inclusive, na atual “Região Produtiva Agrícola - RPA” (ELIAS, 2017) intitulada MATOPIBA, junção das siglas dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, região denominada como Centro-Norte do Brasil (ALVES, 2015).

Nesse contexto, observa-se o nascimento de diferentes regionalizações no Brasil em decorrência da incorporação de técnicas modernas de agricultura, tornando o país um dos grandes produtores de *commodities* do planeta (ELIAS, 2011). Segundo Pessoa (2013), o processo de ocupação dos cerrados brasileiros inicia-se no transcorrer da década de 1970, com amplo apoio e incentivos do Estado na questão da instalação de infraestrutura, no desenvolvimento de pesquisas de melhoramento genético de culturas agrícolas e aumento do

crédito, sobretudo para empresas transnacionais. Assim, a partir deste período, uma série de transformações e reconfigurações econômicas são gestadas pelo país e que, segundo Corrêa (2000), colabora para a inserção do Brasil no processo de globalização pautando-se na industrialização do campo e substituição de sistema tradicional de plantio em novos tipos de cultivo, onde a soja ganha amplo destaque.

No Piauí, a modernização agrícola nas áreas dos cerrados, em relação aos demais estados do MATOPIBA, foi realizada de forma tardia, entre o final da década de 1980 e mais intensamente a partir da década de 1990 (MONTEIRO, 2002). No entanto, já é possível identificar amplas transformações socioespaciais, como o aumento do desmatamento, alteração da dinâmica urbana e populacional, a exemplo dos processos migratórios e no mercado de trabalho, conflitos por terras e implantação de novas infraestruturas de transportes e serviços.

No que concerne às transformações impostas pelo agronegócio, as alterações na economia urbana, sobretudo nas cidades do agronegócio, chamam atenção e estão ligadas à associação entre o campo tecnificado com os espaços urbanos inseridos em áreas destinadas ao agronegócio globalizado (ELIAS, 2017).

Dessa forma, as cidades passam por um processo de reconstrução de suas funções, como no papel de suporte às grandes redes agroindustriais, no fornecimento de insumos agrícolas, fertilizantes e máquinas agrícolas (ELIAS, 2017). Nessas cidades do agronegócio, surgem grandes empresas ligadas à comercialização, armazenagem, esmagamento de grãos e aos insumos do agronegócio. No MATOPIBA, três grandes empresas articulam essa questão: a Cargill, a Archer Daniels Midland Company (ADM) e a Bunge (FREDERICO, 2013).

No entanto, além das transformações no que diz respeito às mudanças diretamente ligadas ao consumo produtivo agrícola¹, surgem também metamorfoses no comércio local e no setor de serviços indiretamente ligadas ao agronegócio, como o surgimento de comércios e serviços diferenciados, como redes varejistas e atacadistas de abrangência regional e local (ELIAS, 2017). Dessa forma, nas RPAs, algumas cidades ganham centralidade na questão do suporte cedido ao agronegócio globalizado, tornando-se diferenciadas em relação à sua economia urbana e com protagonismo na atração de infraestrutura e novos equipamentos urbanos associados direto e indiretamente à modernização da agricultura. O que revela a lógica presente no Brasil da seleção de espaços privilegiados, gerando assim desequilíbrios territoriais, além disso, evidencia o quanto a política de desenvolvimento regional no país é pautada no atendimento dos interesses de grandes atores hegemônicos (ROCHA NETO; BORGES, 2011).

Tendo isso, têm-se a necessidade do estabelecimento de estudos aprofundados sobre a temática em questão, visando a identificação e análise das transformações socioespaciais a partir da expansão do agronegócio para áreas recém incorporadas aos circuitos de produção agrícola moderna. Nessa realidade se insere os cerrados piauienses, considerados como uma das últimas fronteiras agrícolas do país.

Assim, o objetivo do artigo é analisar as transformações urbanas no Sudoeste Piauiense, em especial nas cidades de Bom Jesus e Uruçuí, diante da inserção da região dos cerrados piauienses na rota do agronegócio globalizado. Trata-se de um estudo sobre as mudanças geradas pela expansão do agronegócio para novos recortes territoriais supostamente condenados à estagnação econômica. Processo este conhecido como expansão da fronteira agrícola e que, segundo Frederico (2013, p.20) são “[...] as áreas ocupadas por uma agricultura intensiva em capital e tecnologia, em substituição à vegetação original, as áreas de pastagens e as formas tradicionais de agricultura praticadas por pequenos agricultores”.

Nesse aspecto, no caso piauiense, as cidades de Bom Jesus e Uruçuí são os dois centros urbanos que exercem o papel de centros difusores do agronegócio na região dos cerrados piauienses e que espelham a tendência da multiplicação das cidades do agronegócio que desempenham diversificadas funções, ligadas à produção agrícola e industrial do país (ELIAS, 2006a).

METODOLOGIA

Além de pesquisa documental, da busca de dados em sites institucionais como do IBGE, de duas atividades de pesquisa em campo no ano de 2015, adotou-se como recurso metodológico a matriz proposta por Elias (2011, 2012, 2015), na qual estabelece cinco eixos estruturantes com o objetivo de compreender e estudar RPAs, ou seja, as novas relações entre campo e cidade, as transformações urbanas e a reestruturação regional, quais sejam, eixo um - uso e ocupação do espaço agrário; eixo dois - ramos industriais representativos das redes agroindustriais; eixo três - economia urbana; eixo quatro - mercado de trabalho e dinâmica populacional; eixo cinco - infraestrutura e equipamentos urbanos. Partindo-se de Elias (2011, 2012, 2015), e visando respostas ao objetivo proposto, um eixo estruturante foi definido: economia urbana. Definiu-se as seguintes variáveis ligadas ao eixo em análise: taxa de urbanização de Bom Jesus e Uruçuí nos censos demográficos de 2000 e 2010, quantitativo de endereços urbanos e edificações em construção, taxas e setores de ocupação dos trabalhadores, número de empresas atuantes, número de empregados assalariados, quantitativo de edificações

em construção, além da identificação das novas redes instaladas, como *shoppings*, redes de varejo, atacado e de hotéis. Tal definição contribui para o aprofundamento das análises das transformações urbanas e das novas dinâmicas da área de estudo.

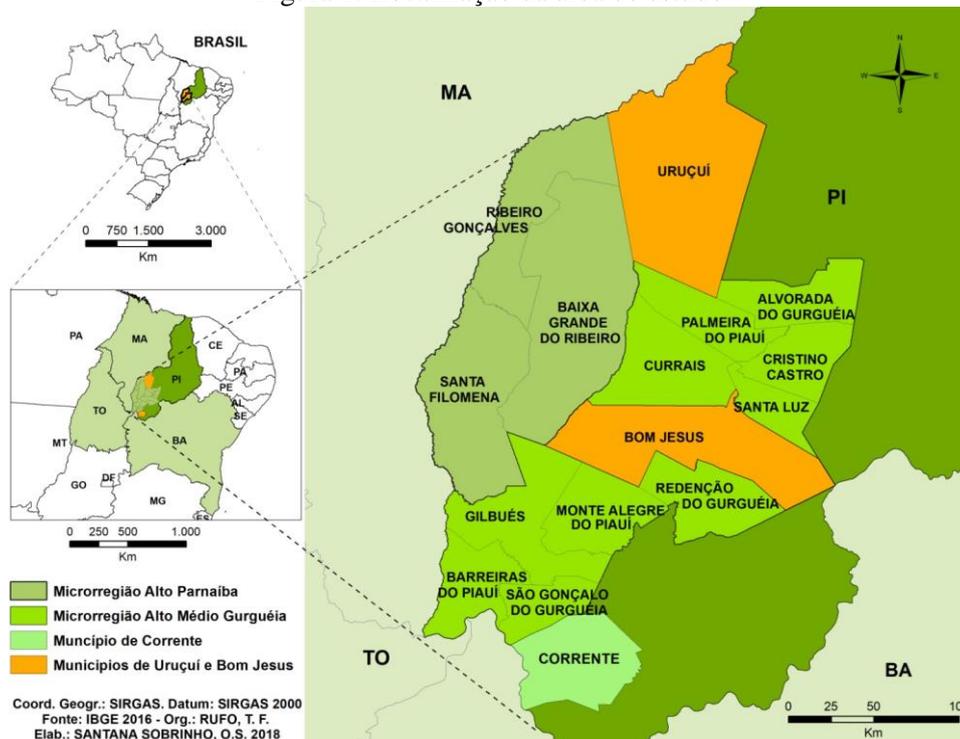
A matriz metodológica proposta por Elias (2011, 2012, 2015) e uma rede de pesquisadores encontra-se em processo de construção e já passou por grandes avanços. No livro intitulado “Cidades Médias e Região”, organizado por Soares, Calixto e Oliveira (2017), Elias já atualiza a sua proposta e afirma que a matriz metodológica deve considerar um conjunto de temas, agentes, processos, variáveis e indicadores.

Dessa forma, Elias (2017) elenca temas e processos possíveis de serem inseridos na matriz metodológica proposta, onde cada tema possui processos associados. A autora estabelece quatro temas pilares para o estudo das RPAs: a) reestruturação produtiva da agropecuária e a organização das redes agroindustriais; b) as novas relações campo-cidade e a (re)estruturação urbano-regional; c) a (re)estruturação da(s) cidade(s); d) o aprofundamento das desigualdades socioespaciais na escala intraurbana. Entretanto, neste artigo considerou-se a proposta da matriz metodológica inicial.

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Na figura 1, pode-se observar a localização da área de estudo².

Figura 1: Localização da área de estudo



Fonte: IBGE (2016). Org.:RUFO, T.F. Elab.: SANTANA SOBRINHO, O.S. 2018.

Trata-se de uma extensa área com a predominância da vegetação dos cerrados, próxima da fronteira do Piauí com os estados da Bahia, Maranhão e Tocantins, e que vem sendo intensamente ocupada pelas atividades agrícolas tecnificadas.

Neste artigo, optou-se por dar foco nas cidades do agronegócio piauiense: Bom Jesus e Uruçuí. No entanto, é importante destacar que os dois municípios em evidência fazem parte respectivamente das Microrregiões Alto Médio Gurguéia, que abrange onze municípios, e Alto Parnaíba Piauiense, que abrange quatro. Em razão do seu destacado protagonismo no contexto regional, considera-se também o município de Corrente, localizado na Microrregião Chapadas do Extremo Sul Piauiense, como integrante da região denominada de cerrados piauienses. No total, portanto, o recorte selecionado possui um total de dezesseis municípios.

O foco em Bom Jesus e Uruçuí se dá em consonância com as ideias de Elias (2012), que afirma que nem toda cidade localizada em uma RPA pode ser considerada uma cidade do agronegócio. Isso se aplica à realidade estudada, na qual nem todos os municípios participam ativamente da dinâmica da agricultura tecnificada, e poucos deles se beneficiam com a nova realidade, tal como modificações na economia urbana, como afirma Elias (2006b). Inclusive, Rufo (2015) constatou que alguns dos municípios da área de estudo, como São Gonçalo do Gurguéia, Barreiras do Piauí e Santa Luz ficam, em grande parte, excluídos da dinâmica da agricultura moderna, pois não possuem áreas de platôs, onde são desenvolvidos os projetos de agricultura moderna.

É importante frisar que a modernização agrícola nos cerrados piauienses foi iniciada primeiramente na Microrregião Alto Parnaíba Piauiense, sobretudo a partir da década de 1990, período das intensificações das ocupações (MONTEIRO, 2002), com grande destaque para o município de Uruçuí, hoje muito ligado à Balsas-MA, uma das mais importantes cidades do agronegócio do MATOPIBA.

A Microrregião Alto Médio Gurguéia foi ocupada mais tardiamente, principalmente a partir do início da primeira década do século XXI (RUFO, 2015), onde Alves (2005) cita a instalação da multinacional Bunge em Uruçuí no ano de 2005 como um dos fatores para a expansão do agronegócio para o Alto Médio Gurguéia, na qual Bom Jesus torna-se o município destaque, tanto em termos de produção agrícola, como também na sua funcionalidade e se relacionando mais intensamente ao oeste baiano.

Portanto, os municípios de Uruçuí e Bom Jesus exercem o papel de centralidade urbana, respectivamente nas Microrregiões Alto Parnaíba Piauiense e Alto Médio Gurguéia. Fato que justifica o foco deste artigo nesses dois centros urbanos do agronegócio.

A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA E AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM BOM JESUS E URUCUÍ, PIAUÍ

A modernização da agricultura nos cerrados piauienses encontra-se diretamente relacionada aos processos migratórios centro-sulistas, provenientes, principalmente, dos estados do Centro-Sul brasileiro, tal como Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso, que tiveram início na década de 1970 e atingiram seu ápice na década de 1990 (MONTEIRO, 2002), e deve ser entendida, segundo Pessôa (2013), como um processo arquitetado pelo Estado, claramente interessado em beneficiar grandes agentes, como as corporações nacionais e transnacionais ligadas ao agronegócio e que promove uma nova configuração na economia brasileira. Este processo ocorreu através do estabelecimento de políticas públicas e incentivos fiscais voltados para esses agentes, bem como com a instalação de infraestrutura necessária à atividade (HAESBAERT, 1998).

Nesse sentido, o Piauí se insere em um processo de modernização agrícola iniciado nas áreas do cerrado brasileiro, incentivado e implantado pelo governo brasileiro na década de 1970, e caracterizado pela ocupação do território objetivando a modernização de áreas de economia agropecuárias ditas estagnadas (MATOS; PESSÔA, 2011). Assim, de acordo com Santos (2004), cada fração do território, por mais reduzida que seja sua escala de abrangência, participa de processos hegemônicos e globalizantes, imprimindo relações diretas e indiretas com outros lugares.

Verifica-se, portanto, a existência de municípios que se destacam no suporte ao agronegócio, no caso Uruçuí e Bom Jesus. Os dois centros urbanos desempenham papéis diferenciados na rede de cidades na região dos cerrados piauienses em função dos serviços e comércios que oferecem, constituindo-se como as cidades do agronegócio do Piauí, atividade pautada na produção de grãos como soja e milho. Podem-se observar os dados populacionais dos municípios em questão na tabela 1:

Tabela 1: Dados populacionais de Bom Jesus e Uruçuí

Município	População 2000	População Urbana 2000	Taxa de Urbanização 2000	População 2010	População Urbana 2010	Taxa de Urbanização 2010
Uruçuí/PI	17.003	11.106	65,3%	20.149	15.505	77%
Bom Jesus/PI	15.898	10.942	68,8%	22.629	17.623	77,9%

Fonte: Elaborada pelos autores, dados IBGE, 2010.

Bom Jesus e Uruçuí, entre 2000 e 2010, têm experimentado um crescimento populacional e crescente urbanização, tanto é que são os dois municípios com as maiores taxas de urbanização da área de estudo, juntamente com o município de Corrente (IBGE, 2010). Atrelado a isso, Bom Jesus apresenta um total de 7.137 de endereços urbanos, sendo o município líder nesse quesito, juntamente com Uruçuí e Corrente, que possuem, respectivamente, 6.132 e 6.367 endereços urbanos (IBGE, 2010).

No entanto, em termos populacionais, os municípios da porção Sudoeste do Piauí apresentam populações reduzidas em comparação à porção norte do estado, onde se localizam as principais cidades: Teresina, Parnaíba e Picos. Além disso, o conjunto de cidades da totalidade da área de estudo é marcado pela grande quantidade de municípios onde a maioria da população ainda reside na zona rural (RUFO; ARAÚJO SOBRINHO, 2015). Nesse caso, Bom Jesus e Uruçuí assumem com destaque o papel de cidades do agronegócio piauiense, título defendido pela primeira cidade, como pode ser observado na figura 2:

Figura 2: Entrada da cidade de Bom Jesus: reflexo do agronegócio



Fonte: RUFO (2015).

Sendo assim, verificam-se transformações no uso do solo e maior efetivação da expansão da fronteira agrícola nos cerrados piauienses, que leva à tendência de modificação da relação entre campo e cidade, pois, segundo Elias (2012), quanto maior a reestruturação produtiva, acompanhada da formação de redes agroindustriais, mais complexa torna-se a relação campo-cidade. Os dois espaços passam a receber inúmeros fluxos de informações, de mercadorias e de novos agentes econômicos.

Tal contexto de crescimento, também característicos de Bom Jesus e Uruçuí, segundo Conte (2013), é um claro reflexo de desconcentração da estrutura produtiva e aumento populacional das cidades interioranas, o que revela, segundo o autor, o processo de desconcentração populacional verificado nos centros metropolitanos e grandes centros urbanos.

TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA URBANA DAS CIDADES DO AGRONEGÓCIO DO PIAUÍ

A economia urbana é um dos eixos elencados na metodologia proposta por Elias (2011, 2012, 2015), que permite verificar quais são os papéis das cidades e novas funções desempenhadas pelas mesmas na região produtiva agrícola na qual estão inseridas. Elias (2011) destaca que:

A reestruturação produtiva da agropecuária cria demandas até então inexistentes nas áreas de difusão do agronegócio. Tais demandas incrementam o crescimento de uma série de atividades comerciais e de serviços especializados. Dessa forma, a difusão do agronegócio não apenas amplia e reorganiza a produção material (agropecuária e industrial), como é determinante para a expansão quantitativa e qualitativa do comércio e dos serviços, especialmente dos ramos associados ao circuito superior da economia agrária. O crescimento do terciário se deve ainda ao crescimento da população e à revolução do consumo, este último erigido sob os auspícios do consumo de massa associado à existência individual e das famílias (ELIAS, 2011, p.159).

Dessa forma, de acordo com a autora, há maior valorização do setor terciário em decorrência do maior dinamismo econômico e do aumento populacional. Ainda nas palavras de Elias (2006b), essas cidades,

“[...] ao mesmo tempo, dinamizam o terciário e, conseqüentemente, a economia urbana, e evidenciam que é na cidade que se realiza a regulação, a gestão e normatização das transformações verificadas nos pontos luminosos do espaço agrícola” (ELIAS, 2006b, p.16).

Em se tratando da realidade piauiense, algumas cidades assumem nos últimos anos maior protagonismo na rede urbana regional, muito em razão das transformações urbanas, dentre elas alterações na economia urbana e atração de infraestruturas. Nesse sentido, na rede urbana da área de estudo, as cidades com maior contingente populacional acabam se destacando, como Bom Jesus, Corrente e Uruçuí. Ressaltamos, porém, que cada uma das

idades desempenha funções diferentes que diz respeito ao comércio e serviços e ao atendimento das demandas do agronegócio, visto que Bom Jesus e Uruçuí servem como suporte ao ramo da agricultura globalizada em razão da concentração de redes agroindustriais.

Miranda (2012) sublinha que, no caso das cidades agrícolas presentes nos cerrados da região Nordeste, ou seja, em parte do MATOPIBA, o urbano funciona como uma espécie de implante, cuja função é suportar os serviços ligados à agricultura voltada para o mercado exterior. Alves (2005, p.1) corrobora com essa ideia, destacando ainda que essas cidades “ganham centralidade diante do crescimento da agricultura produtivista.” Em consonância com Aguiar e Monteiro (2005), entende-se que a expansão da fronteira agrícola nas áreas dos cerrados fundamenta-se justamente na alta produção de grãos voltada para o exterior, acompanhada de profundas alterações das paisagens rurais através do desmatamento, mecanização da agricultura, utilização de fertilizantes químicos e pouca utilização de mão de obra.

Assim, o agronegócio altera as funções das cidades piauienses, influenciando diretamente na modificação da hierarquia urbana. A modernização da agricultura e a constituição de regiões produtivas agrícolas exigem que as cidades se reinventem para atender suas necessidades e as dos novos agentes ligados ao agronegócio e à expansão populacional (ELIAS, 2011).

Um dos indicativos dessa reinvenção do papel das cidades é o fato de Bom Jesus e Uruçuí apresentarem a maior proporção de trabalhadores no setor terciário, ou seja, no comércio e serviços, ao contrário dos demais municípios do recorte, onde a maioria da população é empregada no setor agropecuário. Bom Jesus conta com 42,79% de ocupados no setor de serviços, 17% no comércio e 24,67% no setor agropecuário. Uruçuí apresenta 39,91% de ocupados no setor de serviços, 14,46% no comércio e 26,39% no ramo agropecuário (IBGE, 2010).

Assim, o setor terciário possui um peso diferenciado nas duas cidades que “rivalizam” o papel de capital do agronegócio piauiense. Essas modificações no âmbito das cidades podem ser verificadas quando se identifica o aparecimento de novos tipos de comércio ligados à agricultura, aos sulistas e ao grande capital, tais como comércio de insumos e máquinas agrícolas, empresas agropecuárias, lojas de eletrodomésticos, restaurantes, imobiliárias, concessionárias e revendedoras de motocicletas, carros, e especialmente caminhonetes (BRASIL, 2005). Surgem, ainda, churrascarias, supermercados, padarias, pousadas e hotéis. Essas transformações na cidade de Bom Jesus podem ser observadas na figura 3:

Figura 3: Churrascaria e hotel de alto padrão em Bom Jesus, próximo à BR-135-PI.



Fonte: RUFO (2015).

Todos esses novos tipos de comércios se destacam nessas duas cidades do agronegócio piauiense, nesse caso, pode-se afirmar que a economia urbana não sofre apenas mudanças direcionadas ao setor agropecuário, como também profundas transformações em outras áreas do comércio e serviços. Elias (2006a) confirma essa ideia e faz algumas considerações sobre a migração gaúcha para áreas do Nordeste, afirmando que:

Associada à difusão da soja nos cerrados do Nordeste, dá-se uma série de transformações na dinâmica populacional, sendo a chamada migração de “gaúchos” um dos principais fatos a considerar para análise⁸; na economia urbana, que passa a crescer de forma bem distinta do até então ocorrido, com grande destaque para o crescimento dos setores inerentes ao consumo produtivo, ou seja, o consumo associado às demandas da agricultura científica e do agronegócio, mas também ao consumo consumptivo, associado às demandas dos migrantes descendentes, que impõem seus padrões de consumo às respectivas áreas, que serão, em parte, atendidos localmente. O nível de renda destes empresários ligados ao complexo agroindustrial da soja acaba também sendo um importante propulsor da economia urbana (ELIAS, 2006a, p.38).

Nesse sentido, as transformações na economia urbana das cidades do agronegócio piauiense estão intimamente associadas também aos migrantes, sobretudo sulistas, fortalecendo o surgimento de comércios diferenciados em relação às demais cidades, como na figura 3, onde observa-se uma churrascaria de alto padrão e uma rede de hotéis instalados na cidade de Bom Jesus. É possível observar nessa cidade e em Uruçuí, modificações no comércio em razão do

crescimento do número de estabelecimentos ligados ao agronegócio, maior tráfego de caminhões na cidade, surgimento de hotéis e pousadas, influência do churrasco e do chimarrão gaúcho no comércio, instalação de novas empresas e maior crescimento populacional (ALVES, 2005), o que nos permite inferir que os migrantes sulistas carregam características e identidades ligadas ao desbravamento e ocupação de novas áreas, que de alguma forma estão ligadas à descendência européia da maioria (HAESBAERT, 1998).

Bom Jesus e Uruçuí possuem respectivamente 705 e 600 empresas atuantes, enquanto municípios como Gilbués e Monte Alegre, possuem, respectivamente, apenas 120 e 67 empresas atuantes (IBGE, 2010). Nesse caso, Bom Jesus e Uruçuí tornam-se centros de atração de mão de obra, além de trabalhadores e comerciantes que migram do campo para a cidade ou até mesmo de outros estados. Em relação ao quantitativo de empregados assalariados nos municípios da área de estudo, novamente ganha destaque a composição da população empregada em Uruçuí e Bom Jesus, que possuem, respectivamente, 3.409 e 2.457 trabalhadores assalariados³, número bem superior ao padrão dos outros municípios da área de estudo, com exceção de Corrente, que possui 1.395 trabalhadores ocupados. Bom Jesus é, ainda, a cidade com o maior percentual de ocupados no setor de construção civil (10,31%), inclusive pode-se observar a presença de muitos empreendimentos em construção motivados pela expansão do comércio e crescimento da economia local, como se pode observar na figura 4:

Figura 4: Construção de Shopping Center em Bom Jesus (PI)



Fonte: RUFO (2015).

Bom Jesus, portanto, vem sofrendo transformações na paisagem urbana com o surgimento de empreendimentos diferenciados das demais cidades, como, por exemplo, de um

shopping center. Bom Jesus é a cidade com o maior quantitativo de edificações em construção, 708 no total, seguido por Corrente com 491 e Uruçuí com 392 edificações em construção (IBGE, 2010). Bom Jesus passa por um momento de total reconstrução da sua paisagem urbana, pois se verifica um grande crescimento no número de loteamentos e novas construções.

Bom Jesus, atualmente, é bom exemplo de que certos centros urbanos são reflexos e em certa medida resultados do agronegócio globalizado. A cidade concentra grande parte de serviços necessários para a maioria dos onze municípios integrantes da região, como os relacionados à saúde, educação e comércio. No entanto, deve-se considerar que o crescimento econômico de Bom Jesus não significa necessariamente que a cidade está se desenvolvendo, no sentido de estabelecimento de melhores condições de vida. Oposto a isso, nota-se a ampliação das desigualdades socioespaciais, com o surgimento de uma face moderna, ligada à elite local, e de espaços mais precarizados, ligados à população mais pobre.

Dentre as novas dinâmicas emergentes nas cidades do agronegócio piauiense, pode-se destacar a instalação de novas empresas, especialmente as associadas ao agronegócio, e para atendimento da demanda desse setor – maquinários agrícolas, de defensivos, fertilizantes e consultoria agrícola, como se pode observar na figura 5:

Figura 5: Loja especializada em atividades agropecuárias em Uruçuí-PI



Fonte: RUFO, (2015).

Em campo, observou-se que Uruçuí possui sua economia urbana muito direcionada ao setor do agronegócio globalizado, com inúmeros estabelecimentos comerciais com esse perfil. Nesse caso, em consonância com as ideias de Gomes (2007), à medida em que o espaço agrário é reconfigurado, a economia urbana também sofre sérias transformações e influencia diretamente a alteração da relação entre campo e cidade. Nessa perspectiva, com o avanço da agricultura moderna, o campo passa a conviver com novas realidades econômicas e referentes

ao uso do solo e isso se reflete de alguma forma nas zonas urbanas, especialmente nas transformações da economia urbana das cidades do agronegócio. Gomes (2007) destaca que:

Atualmente a terceirização da economia está presente no campo, por meio da utilização da informática. Há uma interligação entre as médias e grandes propriedades e a rede global em busca de todos os tipos de informações, compras de insumos e cotações mercadológicas em geral (GOMES, 2007, p.81).

Em conjunto com as modificações demográficas e na economia urbana dessas cidades, verificou-se, em trabalhos de campo, que a cidade de Bom Jesus é a que mais se destaca em relação ao comércio e serviços diferenciados e modernos, conforme figura 6.

Figura 6: Loja vinculada à construção civil em Bom Jesus



Fonte: RUFO, (2015).

Substituindo o padrão ‘materiais para construção’ ou ‘casa de construção’, surgem as lojas com *status* mais modernos, agora denominadas “*Home Centers*”, evidenciando padrão totalmente diferenciado das demais cidades da área de estudo e, de certa forma, expondo a tentativa de transmissão de que a modernidade e o progresso se instalam em Bom Jesus.

Santos (1999) enfatiza que os processos globalizantes impõem novas necessidades aos diferentes espaços, como:

[...] capitais fixos (estradas, pontes, silos, terra arada etc.) e dos capitais constantes (o maquinário, veículos, sementes especializadas, fertilizantes, pesticidas etc.), aumenta também a necessidade de fluxos, inclusive financeiros, e dando um relevo especial à vida de relações (SANTOS, 1999, p.11).

O espaço passa por reconfigurações e isso é sentido nas mudanças da economia urbana, na especialização desses espaços, no surgimento de novos fluxos, e na alteração da relação entre o campo e a cidade (ELIAS, 2011). O velho passa dar lugar ao novo e, de certa forma, uma nova rede urbana se estabelece em diferentes recortes territoriais no Brasil, com profundas transformações nas características demográficas, no trabalho e conseqüentemente nas dinâmicas e transformações urbanas nas cidades do agronegócio. Portanto, a modernização da agricultura acaba impondo novas realidades às cidades, alterando a economia urbana e incrementando ainda mais a urbanização. De acordo com Elias (2006b),

É possível identificar várias áreas nas quais a urbanização se deve diretamente à consecução do agronegócio globalizado. Como é notório, a modernização e expansão destas atividades promoveram o processo de urbanização e de crescimento das áreas urbanas, cujos vínculos principais se devem às inter-relações cada vez maiores entre campo e cidade (ELIAS, 2006b, p15).

A economia urbana das cidades do agronegócio se reconfigura e acaba centralizando as ações e estabelecendo uma área de influência significativa. Elias (2006b) afirma que nessas cidades é possível perceber a associação desta atividade econômica com outros setores econômicos, tais como:

As empresas agropecuárias, fornecedores de insumos químicos e implementos mecânicos, laboratórios de pesquisa biotecnológica, prestadores de serviços, agroindustriais, empresas de distribuição comercial, empresas de pesquisa agropecuária, empresas de marketing, cadeias de supermercados, empresas de fast food etc. Como resultado temos a intensificação da divisão do trabalho, das trocas intersetoriais, da especialização da produção e a formação de diferentes arranjos territoriais agrícolas, assim como na reestruturação das cidades nas suas adjacências, a mostrar o aprofundamento da territorialização do capital no campo e monopolização do espaço agrícola (ELIAS, 2006b, p.20).

No encaminhamento da consolidação do agronegócio no Piauí, de acordo com as proposições de Sposito (2015), Bom Jesus pode se beneficiar pela elevada quantidade de pequenos municípios ao seu redor. Ainda segundo a mesma autora, a modernização da agricultura pode fazer com que certos municípios percam sua funcionalidade, pois grande parte das pessoas abandona essas cidades pequenas em direção às cidades médias locais, em busca de emprego nas áreas urbanas, nos setores de serviços e comércio. Dessa forma, há a tendência de que as cidades influenciadas por Bom Jesus passem a ter saldo migratório negativo por conta da atração do município, e pela modernização do campo e pressões na escala fundiária, pois a

mão de obra se torna mecanizada, empregando poucas pessoas, o que contribui para a acentuação do êxodo rural.

Considerando o recorte selecionado, pode-se afirmar que a oferta de comércios e serviços específicos, bem como o tamanho físico da cidade – em expansão e recebendo novos agentes – torna Bom Jesus completamente diferenciada em relação às demais cidades, até mesmo em relação à cidade de Uruçuí.

Como destacado ao longo desta discussão, há diversas alterações nos serviços e comércio nas cidades de Bom Jesus e Uruçuí, com direcionamento às atividades agropecuárias da região e visando o atendimento das demandas do setor agropecuário, contribuindo diretamente para maior centralização das duas cidades, que, cada vez mais, passam a integrar o processo produtivo global da moderna agricultura, estabelecendo assim relações econômicas diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o Piauí ser inserido de forma tardia em relação aos outros três estados do MATOPIBA, nota-se claramente impactos territoriais e a influência da consolidação do agronegócio na rede de cidades da região dos cerrados piauienses. Bom Jesus e Uruçuí são os dois centros urbanos que mais se destacam em relação ao suporte dado a essa atividade econômica, na atração de trabalhadores e novos moradores, e, sobretudo, nas alterações da economia urbana representada por comércios e serviços em franca mutação em decorrência do agronegócio direto e indiretamente.

Neste aspecto, nota-se, entre as duas cidades, certo “acirramento” da disputa pelo *status* de centro urbano capital do agronegócio dessa região agrícola, no entanto, cada uma das duas cidades acaba polarizando sua devida microrregião de origem. Assim, essa “disputa” entre Bom Jesus e Uruçuí gira em torno mais da questão da representatividade, pois, entende-se que a primeira está mais ligada ao contexto do oeste baiano, representado pelas cidades de Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, e a segunda ligada ao sul maranhense, encabeçado pela cidade de Balsas.

Entretanto, Bom Jesus destaca-se ainda pela intensa influência do agronegócio na sua configuração urbana e nas atividades presentes em sua mancha urbana, com grandes transformações na economia e na centralização de equipamentos urbanos. As duas cidades do agronegócio do Piauí, nesse caso, são centros urbanos com serviços especializados para o

atendimento da demanda do setor agropecuário e da sua população, extremamente diversificada, destacando-se em função da quantidade de empresas nos setores de comércio e serviços que fornecem insumos agrícolas, fertilizantes, máquinas agrícolas e empresas prestadoras de serviços de transporte, armazenagem e pesquisa agropecuária.

Assim, as transformações socioespaciais presentes nas cidades piauienses, apesar das particularidades, revela um contexto contido em diversos recortes brasileiros, e que caracteriza a economia brasileira atual: baseada na exportação das *commodities*, sobretudo de grãos, onde a soja é o “carro chefe”, o que gera novas tipologias de cidades, pois o agronegócio necessita de áreas urbanas que forneçam apoio às atividades ligadas à agricultura moderna em desenvolvimento no campo.

Isso, de alguma forma, impacta diretamente na emergência de novas centralidades urbanas como consequência da centralização dos equipamentos, do comércio e serviços diferenciados, principalmente daqueles focados na disponibilização de insumos, máquinas agrícolas e tecnologia e na atração de outros tipos de estabelecimentos comerciais e diversificação dos mesmos. Dessa forma, as chamadas cidades do agronegócio mostram-se muito mais do que simples cidades de apoio a essa atividade, visto que as mesmas se tornam também centros da concentração populacional, causada pela atração da mão de obra e de migrantes de outras regiões.

Tal situação foi verificada nessa pesquisa, onde nota-se o “surgimento” de Bom Jesus como o grande centro urbano de apoio à agricultura moderna, concentração de migrantes sulistas e emergência de um comércio e serviços reconfigurados, como consequência das atividades agrícolas modernas e dos novos agentes provenientes de outras regiões.

No caso dos cerrados piauienses, verificou-se que Bom Jesus é mais que uma cidade do agronegócio, na medida em que desenvolve também outros setores econômicos, ainda que não apresente, por exemplo, atividades industriais representativas, o que pode ser algo a ser desenvolvido em um futuro de curto ou médio prazo.

Finalmente, é imprescindível enfatizar que a matriz metodológica proposta por Elias (2011, 2012, 2015, 2017) vem tornando-se uma ferramenta em avançado processo de construção e consolidação, sobretudo no que se refere aos estudos relacionados ao agronegócio e seus desdobramentos sociais, econômicos, ambientais, entre outros. No entanto, tal metodologia não deve se encarada como uma “camisa de força”, ou seja, certamente exigirá adaptações para cada realidade estudada em razão aprofundamento da pesquisa, aumentando assim as possibilidades de contribuições no processo de construção e aperfeiçoamento da

proposta. Portanto, seguramente a matriz metodológica utilizada neste artigo subsidiará novos trabalhos sobre os cerrados do Piauí, logicamente necessitando de certas adequações em virtude das especificidades locais.

Trabalho enviado em Junho de 2018
Trabalho aceito em setembro de 2018

Notas

1. Elias (2017) cita algumas variáveis atreladas ao consumo produtivo do agronegócio, tais como as empresas comerciais de implementos agrícolas, produtos veterinários e sementes selecionadas, de agrotóxicos, assim como as de serviços específicos, como pesquisa agropecuária, irrigação, manutenção de máquinas, informática, transporte de cargas e aviação, etc.
2. O recorte em questão foi selecionado na dissertação de mestrado, defendida no ano de 2015, e com continuidade da temática no doutorado, iniciado em 2017. Envolveu um total de dezesseis municípios. Neste artigo, considera-se todo o recorte, no entanto, atribui-se foco maior nos municípios de Bom Jesus e Uruçuí.
3. Dados de 2013 do Cadastro Central de Empresas. Fonte: IBGE Cidades, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, T. J. A.; MONTEIRO, M.S.L. Modelo Agrícola e Desenvolvimento Sustentável: A ocupação do Cerrado Piauiense. **Ambiente & Sociedade**, 2005. v.8, n.2.

ALVES, V. E. L. Modernização agropecuária e urbanização na região de cerrados do Centro Norte do Brasil: as novas dinâmicas urbanas no oeste da Bahia. In. ALVES, V. E. **Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015, p.227-268.

_____. Barreiras (BA), Balsas (MA), Uruçuí (PI): três cidades para o agronegócio. In: **Anais III Simpósio Nacional de Geografia Agrária**. Presidente Prudente, 2005.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Zoneamento Ecológico-Econômico da bacia do Rio Parnaíba: um foco nos cerrados do Sul do Piauí e Maranhão: subsídios para o diagnóstico/ MMA, Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável, Programa ZZE, Consórcio ZEE BRASIL- Brasília. MMA, 2005.**

CONTE, C. H. Cidades médias: Discutindo o tema. **Revista Sociedade e Território**, Natal, v.25, nº1, p.45-61, jan./jun. 2013.

CORRÊA, R. L. Rede Urbana e Formação Espacial- Uma Reflexão Considerando o Brasil. **Revista Território**, Rio de Janeiro, nº 8, p.123 a 129, 2000.

ELIAS, D. Construindo a noção de Região produtiva do agronegócio. In: Oliveira, HCM; CALIXTO, MJM; SOARES, BR (Org.). **Cidades Médias e região**. SP: Cultura Acadêmica, 2017 (19-55).

_____. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas regionalizações no Brasil. In. ALVES, V.E. **Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015, p.25-44.

_____. Relações campo-cidade, reestruturação urbana e regional do Brasil. In: **Colóquio Internacional de Geocrítica**, nº12, 2012, Bogotá.

_____. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. In: **XIV Encontro Nacional da Anpur**. Rio de Janeiro – RJ, 2011.

_____. Ensaio sobre espaços agrícolas de exclusão. In: **Revista NERA** (UNESP), Presidente Prudente (SP), v.1, n.8, 2006a, p.29-51.

_____. Globalização e fragmentação do espaço agrícola no Brasil. In: **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales**. Universidade de Barcelona, vol. X, nº 218 (03), 1 agosto de 2006b.

FREDERICO, S. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola no Brasil. In: **Revista Franco-Brasileira de Geografia**, vol. 17, 2013. Disponível em: <http://confins.revues.org/8153?lang=pt#quotation>. Acesso em: 21 set. 2015.

GOMES, I. R. **Agricultura e urbanização: novas dinâmicas territoriais no Nordeste Brasileiro**. 2007. 200f. Dissertação- Departamento de Geociências (CCT), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza.

HAESBAERT, R. A noção de rede-regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. In: **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, jan./jun.1998. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_5_haesbaert.pdf. Acesso em: 01 fev. 2013.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro 2010.

_____. **Censo Demográfico de 2010- Retratos do Brasil e do Piauí**, 2010.

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L S.. Territorialização do Agronegócio nas áreas de cerrado. In: PORTUGUEZ, Anderson P.; MOURA, Geruza Gonçalves e COSTA, Rildo A.(Org.). **Geografia do Brasil Central: Enfoques teóricos e particularidades regionais**. Uberlândia: Assis, 2011. p. 235-264.

MIRANDA, H. **Expansão da agricultura e sua vinculação com o processo de urbanização na Região Nordeste\ Brasil (1990-2010)**. EURE (Santiago), 38 (114), 173-201.

MONTEIRO, M. S. L. **Ocupação do cerrado piauiense: estratégia empresarial e especulação fundiária**. 2002. 250f. Tese (Doutorado em economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PESSÔA, V. L. S.O Cerrado, antes dos “inhambus, das juritis, das siriemas” agora do agronegócio? In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MARAFON, Gláucio José; SILVA, Augusto César Pinheiro (org.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro, Editora Consequência, 2013.

ROCHA NETO, J.M; BORGES, D. F. As assimetrias entre as políticas setoriais e a política de planejamento regional no Brasil. In: ROCHA NETO, João Mendes e BORGES, Djalma Freire. **Revista Brasileira de Administração Pública**. Rio de Janeiro. 2011.

RUFO, T. F. **A inserção dos cerrados piauienses na dinâmica da agricultura moderna do Brasil Central: transformações na rede urbana do Sudoeste do Piauí**. 288 f. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro-DF, 2015.

RUFO, T. F; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. O processo histórico de formação territorial do estado do Piauí e as transformações recentes na Mesorregião Sudoeste Piauiense. In: **Espaço & Geografia**, Brasília (DF), vol. 18, n.1, 2015, p.121-160.

SANTOS, M. O espaço e seus elementos- questão de método. In: **Espaço e Método**. EDUSP, 2004, p.15-33.

_____. Modo de Produção Técnico-Científico e Diferenciação Espacial. In: **Revista Território**, ano IV, nº 6, 1999, p-5-20.